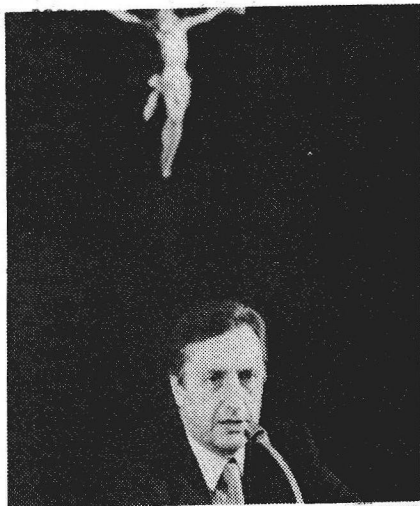


# Reservas podem ir abaixo de 4 bilhões



**MILANO LOPES**

A perspectiva da obtenção de um saldo comercial de apenas US\$ 250,0 milhões no mês de novembro, contra US\$ 1,078 bilhão no mesmo mês do ano passado, fortalece a opinião de que as reservas externas do país estão abaixo dos US\$ 5,0 bilhões mencionados no Senado pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e desacreditados pelo senador Roberto Campos.

A partir da deterioração das contas externas, processo iniciado em setembro, as informações sobre a posição das reservas, que antes já eram de difícil liberação, tornaram-se ainda mais difíceis. Contudo, indiscrições de técnicos que lidam com o problema cambial revelam que, em meados de novembro, as reservas já haviam caído para o nível de US\$ 4,5 bilhões, podendo encerrar o ano

abaixo de US\$ 4,0 bilhões, na dependência do comportamento da conta de comércio este mês.

## A DETERIORAÇÃO

O processo de deterioração das contas externas, do lado da queda dos saldos da balança comercial, foi iniciado no mês de setembro, quando o superávit calu para US\$ 840,0 milhões, quase US\$ 200,0 milhões a menos do que no mês de agosto.

De acordo com os dados da Cacex, este ano o maior saldo comercial foi registrado em maio, quando o superávit alcançou US\$ 1,296 bilhão; em junho ele declinou para US\$ 1,111 bilhão; em julho para 1,106 bilhão, reagindo um pouco em agosto, quando atingiu US\$ 1,022 bilhão.

Em setembro, a pressão das importações de máquinas demandadas pelo setor industrial, e de alimentos para enfrentar a escassez, provocou

uma perda de US\$ 200 milhões no superávit comercial. Porém, em outubro, a dramática redução do saldo comercial introduziu outro elemento: a virtual paralisação das exportações, ante a perspectiva de uma desvalorização cambial.

Desde agosto, por outro lado, as requisições cada vez maiores do mercado interno começaram a desviar a produção destinada à exportação, fato que preocupou o governo e estimulou, internamente, a discussão sobre a necessidade da adoção de duras medidas de contenção do consumo.

A definição de uma nova política cambial, com reajustes diários da taxa do dólar em confronto com o cruzado, anunciada no dia 21 de novembro, no âmbito do Cruzado II, contribuiu para recuperar as exportações na última semana do mês. Por outro lado, a Cacex impôs um rígido con-

trole administrativo das importações, impedindo que pela primeira vez o País registrasse déficit em suas operações comerciais com o Exterior. Contudo, a nova política cambial não tranqüilizou de todo os exportadores, que ainda continuam alimentando a expectativa de uma máxidesvalorização do cruzado entre 10 e 15%, a despeito das reiteradas declarações em contrário dos ministros da área econômica.

Além do mais, a pressão da demanda do mercado interno continua ativa, e a expectativa é aumentar neste mês, em decorrência do efeito sazonal das compras de fim de ano e do aumento da liquidez na economia. Os técnicos da área econômica esperam que as medidas do último pacote econômico reduzam a demanda agregada de bens, mas esse efeito, impulsionado pelo aumento da tributação do Imposto de Renda, so-

mente deverá ocorrer no segundo trimestre do próximo ano.

## CACIFE

Há, entre os técnicos, o consenso de que a continuação da queda das reservas, potencializada pela performance negativa da conta de capital — perda de investimentos, elevação do nível de repatriamento de capital etc. —, resultará numa perda de cacife do País para enfrentar seus credores externos nas negociações para o refinanciamento da dívida.

Dai o interesse evidente do governo de apressar essas negociações, para evitar que o País possa apresentar-se diante dos banqueiros com a expectativa de uma crise cambial, o que reduziria o seu poder de barganha em relação à negociação em si e, mais do que isso, estimularia as exigências de um retorno do sistema de monitoramento da economia brasileira pelo FMI. (Brasília - Ag. Estado)